

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS PARA APOIO À PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR EM MOÇAMBIQUE

PROJECTO RUFARO | 2015

FICHA TÉCNICA

título

Manual de boas práticas para apojo à produção agrícola familiar em Moçambique

concepção e redacção

Simão Cardoso Leitão (FEC - Fundação Fé e Cooperação)

assessoria técnica e pedagógica

Camilo Zimbulane (UCM - Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Agricultura (Cuamba) e Serviço Distrital de Actividades Económicas do Dondo)

autor

FEC - Fundação Fé e Cooperação FLVida - Fundação LVida

colaboração

Ana Sofia Rodrigues (LUSOSEM Mocambique, Lda) Helena Ribeiro Telles, Margarida Lopes Alves (FLVida- Fundação LVida) Isa Paiva das Neves (FEC - Fundação Fé e Cooperação)

Projecto gráfico e paginação

Emanuel Oliveira Inês Fortunato

Ilustrações

Emilio Samuel Navingo

revisão linguística

Isa Paiva das Neves (FEC - Fundação Fé e Cooperação) Maria Olinda, Vasco Sebastião (FLVida - Fundação LVida)

impressão

Vigaprintes - Imagem e Impressão Digital Lda | Loures, Portugal

edicão

FEC - Fundação Fé e Cooperação Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide, Portugal Telefone: +351 218 861 710 Fax: +351 218 861 708 geral@fecongd.org www.feconad.ora

1ª edição

Janeiro de 2015

tiragem

200 exemplares

ISBN

978-989-95118-4-2

depósito legal 386255/14

© FEC

Fundação Fé e Cooperação, 2015

A **FEC** é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existimos desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique na educação, saúde, capacitação institucional e em educação para o desenvolvimento. Trabalhamos para a «construção de uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça». (http://fecongd.org/).

A **FLVida** é uma Fundação Moçambicana, de carácter social, sem fins lucrativos, que tem em vista a promoção do desenvolvimento social e humano, ajudando no combate da fome e pobreza absoluta, desde 2002.

(www.fundacaolvida.org).

O Manual de boas práticas para apoio à produção agrícola familiar em Moçambique foi desenvolvido no âmbito do projecto «RUFARO – Projecto integrado para a redução da pobreza na região do Dondo, província de Sofala», uma parceria FEC, FLVida e UCM com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

 ^{*} Este manual foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ÍNDICE

| iem é que este manual é útil? |
|--|
| ivo de manual |
| vo do manual |
| ens do manual |
| ctos a ter em conta antes de iniciar dução |
| volver a(s) família(s) e analisar formação para tomar melhores decisões |
| rantir ajuda técnica frequente |
| rmar os produtores e preparar umentos de trabalho |
| ementeira ao consumo/venda do uto - cuidados a ter |
| giene e segurança no trabalho |
| ses de cultivo |
| lheita e consumo/venda do produto |
| |

INTRODUÇÃO

Este manual resulta do cruzamento entre o saber técnico de gestão agro-florestal e a prática desenvolvida no âmbito do **Rufaro: Projecto** integrado para a redução da pobreza no distrito do Dondo, província de Sofala.

Este projecto, desenvolvido **entre 2013 e 2015**, juntou esforços e competências da Fundação Fé e Cooperação (**FEC**), da Fundação LVida (**FLVida**), da Universidade Católica de Moçambique (**UCM**) – Faculdade de Agricultura – e do Serviço Distrital de Actividades Económicas do Dondo e contou com o co-financiamento da **Fundação Calouste Gulbenkian**.

Tendo em conta o espólio de instrumentos já disponíveis e o público-alvo do manual, apostou-se num **instrumento de trabalho** que integrasse aspectos importantes para a adesão dos produtores familiares e desse informações básicas sobre a questão agrícola, deixando o detalhe e aprofundamento técnico para a inúmera bibliografia disponível sobre o assunto. Recomenda-se particularmente a colecção de maneio da cultura da responsabilidade da parceria entre o Instituto de Investigação Agrária de Moçambique, a AGRI FOCUS e a Irrigação Pequena Escala que têm publicado orientações técnicas dirigidas aos extensionistas e pequenos produtores anualmente.

Não se trata por isso de um manual técnico ou teórico. Trata-se de um **manual que resume práticas** que provaram no terreno ser importantes para o **sucesso da produção familiar** com vista a que outros possam reproduzir essas práticas. Algumas das sugestões aqui dadas poderão parecer

simples e gerais, mas a experiência indica-nos que muitas vezes são esquecidas pelos pequenos produtores ou por quem trabalha com eles.

Tendo como alvo justamente estes pequenos produtores, e tendo em atenção que muitas vezes a linguagem técnica não é facilmente entendida por quem trabalha directamente com eles, procurouse apresentar o texto numa linguagem acessível (os que advogam o rigor no uso de linguagem técnica podem não se identificar com o que encontram neste documento), tendo-se contado para isso com o empenho dos técnicos da FLVida, que trabalham directamente no terreno. Usa-se por exemplo a expressão beneficiários, embora se saiba que não é a melhor para promover a participação dos destinatários últimos das acções de desenvolvimento.

Em termos de estrutura e conteúdo, a preocupação centrou-se em **fornecer elementos chave ao nível das diferentes fases do ciclo de produção e escoamento (comercialização ou consumo) agrícola.** Assim, em termos gerais, o texto está subdividido em duas partes: **i)** aspectos a ter em conta antes de iniciar a produção; **ii)** cuidados a ter da sementeira ao escoamento da produção (comercialização ou consumo).

O projecto Rufaro, e a própria actuação da FLVida no terreno, estão centrados no **desenvolvimento comunitário como um todo**. Por esta razão, as famílias rurais são consideradas essenciais em todos os processos desenvolvidos. De onde este manual inclui o que a experiência de terreno revelou de mais importante a este nível.

PARA QUEM É QUE ESTE MANUAL É ÚTIL?

O manual destina-se a todos aqueles que trabalham com agricultura familiar. Quer principalmente ser útil aos próprios **agricultores** familiares (que no caso de serem escolarizados, podem fazer uso directo), mas pode ser uma base de apoio para o trabalho de todos os **técnicos** e **organizações**

que realizem actividades, tanto na formação como no acompanhamento de pequenos agricultores. O manual pode ainda ser usado em centros de formação técnica de nível básico, tanto como manual de apoio ao formador, como manual de apoio aos alunos.

PRINCIPAIS DESTINATÁRIOS

- Pequenos agricultores diferenciados;
- Organizações e técnicos que trabalham com pequenos agricultores diferenciados;
- Pessoas que ajudem tecnicamente famílias ou pessoas com a sua produção nas machambas;
- Formadores/professores de cursos agrícolas de nível básico;
- Alunos de cursos agrícolas de nível básico.

OBJECTIVO DO MANUAL

Com o manual pretende-se disponibilizar referências básicas de **boas práticas agrícolas** que possibilitem aumentar a qualidade, a quantidade e

a diversidade da produção familiar, tendo em vista a melhoria da **segurança alimentar** e o **aumento de rendimento** dos camponeses.

VANTAGENS DO MANUAL

A grande mais-valia do manual, quando comparado com outros com fins semelhantes, encontra-se no facto de ultrapassar os aspectos técnicos relacionados com a produção agrícola, abordando **aspectos do período anterior à sementeira e posterior à colheita**, como seja a **segurança alimentar** nas famílias ou a **comercialização** da produção.

O manual está também pensado de forma a ser útil aos

diferentes públicos-alvo a quem se destina, integrando por isso recomendações importantes para quem desenvolve um projecto no terreno ou uma formação.

Finalmente o manual partilha, com outros manuais similares, a vantagem de tratar de uma forma simples aspectos essenciais para a melhoria da qualidade e aumento da quantidade da actividade agrícola familiar, tendo em conta os cuidados ambientais.

EM RESUMO, AS PRINCIPAIS VANTAGENS DO MANUAL SÃO:

- Promove a melhoria da qualidade, diversidade e o aumento da quantidade na agricultura familiar, tendo em conta o factor ambiental;
- Integra aspectos importantes para a segurança alimentar e aumento do rendimento das famílias, a partir da actividade agrícola;
- Integra recomendações úteis de envolvimento de beneficiários e produção agrícola para quem desenvolve um projecto de natureza comunitária, sendo por isso complementar a outros que tenham uma componente mais técnica.

I. | ASPECTOS A TER EM CONTA ANTES DE INICIAR A PRODUÇÃO

No quadro de um projecto dirigido a vários produtores, ou no âmbito da actividade de uma única machamba, a experiência diz que é essencial ter em conta aspectos mínimos para garantir uma melhoria efectiva da qualidade e um aumento da quantidade da produção agrícola familiar, tendo em vista a segurança alimentar e o aumento do rendimento. Estes aspectos encontram-se destacados nas caixas que se seguem.

Aspectos mínimos antes de iniciar a produção:

- 1 | envolver a(s) família(s) e analisar informação para tomar melhores decisões
- 2 | garantir ajuda técnica frequente
- 3 | formar os produtores e preparar instrumentos de trabalho

1 | ENVOLVER A(S) FAMÍLIA(S) E ANALISAR INFORMAÇÃO PARA TOMAR MELHORES DECISÕES

Por vezes, os projectos têm dificuldades em garantir que os destinatários adiram. Noutros, o público-alvo limita-se a fazer as actividades que lhes dizem. Nestes casos, terminado o projecto ou o financiamento, quase tudo volta a ser como antes do projecto iniciar.

Para aumentar as possibilidades de sucesso e continuação dos benefícios não basta garantir a participação dos beneficiários. É necessário que a família ou a comunidade (como um todo) sinta

que o projecto é dela. Este objetivo deve estar presente desde o primeiro momento e ao longo de todo o trabalho.

A capacidade de alcançar bons resultados a partir da estratégia de envolvimento depende de caso para caso. Existem várias metodologias e técnicas de envolvimento. A partir da experiência de terreno apontam-se alguns princípios fundamentais e caminhos para os pôr em prática.

1.1 | COMUNIQUE FREQUENTEMENTE

Seja presente junto das famílias, oiça e explique dúvidas. Comece a comunicar bem antes de iniciar o projecto e, se possível, mantenha a ajuda técnica enquanto for importante para a família/comunidade. Lembre-se que está a trabalhar a médio/longo prazo. Os projectos com pessoas são normalmente mais desafiantes do que os de outra natureza.



1.2 | REALIZE ESTUDO DE SITUAÇÃO INICIAL (DIAGNÓSTICO) PARTICIPATIVO

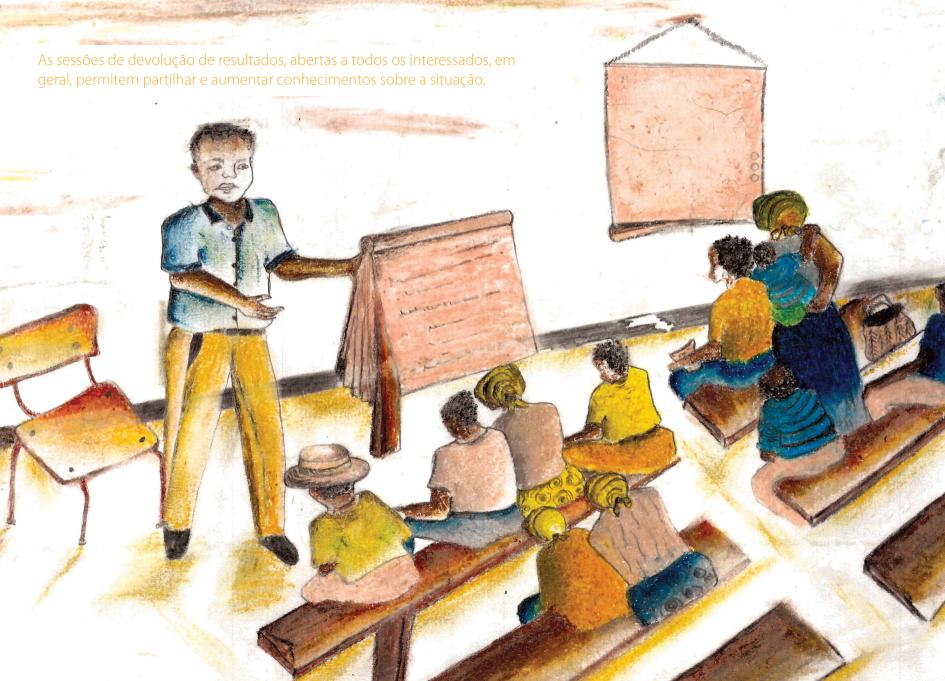
A produção familiar é feita de acordo com práticas tradicionais e raramente tem em conta uma análise informada da situação. Por vezes as famílias produzem só um tipo de cultura e não aproveitam todos os períodos de sementeiras disponíveis (particularmente em Sofala que possui duas épocas distintas em função das suas características climatéricas). A análise da informação traz inúmeras vantagens na quantidade e qualidade da produção, mas também aumenta a utilidade da produção para a dieta alimentar da família e cria melhores condições de comercialização/geração de renda.

Os estudos participativos requerem tempo e recursos, se possível realize um. Em termos de conteúdo inclua a análise dos solos, do mercado de venda ao público e os hábitos alimentares das

famílias e as suas necessidades nutricionais antes de iniciar o processo de mudança nas práticas agrícolas. Este estudo deve também ter em conta informações do local, como seja o clima, as vias de acesso, as infra-estruturas comerciais, dados populacionais gerais e outros aspectos importantes de acordo com cada realidade geográfica, territorial e/ou cultural.

Em termos de metodologia do estudo, inclua debates alargados com os beneficiários para analisar problemas e possíveis soluções. Conduza estes debates de forma a evitar análises parciais e procure as melhores soluções face à realidade. Outra forma é dar responsabilidades técnicas e de acompanhamento do estudo a membros das comunidades que vão beneficiar do futuro projecto.

Têm sido realizados diversos estudos pelo Estado e por parceiros que lhe podem fornecer informações importantes. Não desperdice este recurso. Por vezes, estes estudos não são fáceis de obter a nível distrital ou provincial por desconhecimento dos serviços ou por falta de exemplares. A internet, ou o pedido formal aos serviços centrais, ou parceiros de desenvolvimento, pode ser uma solução nestes casos.



1.3 | DEVOLVA RESULTADOS DO ESTUDO REALIZADO, PLANEIE DE FORMA PARTICIPATIVA, JUSTIFICANDO AS OPÇÕES DO PLANO DE TRABALHO E TENDO ABERTURA PARA MELHORÁ-LO NA BASE DAS SUGESTÕES DOS BENEFICIÁRIOS

Raramente se tem recursos para ir ao encontro de todas as preocupações dos beneficiários. As disponibilidades financeiras estão de resto muitas vezes condicionadas a regras dos doadores que determinam prioridades próprias, que nem sempre coincidem com todas as necessidades identificadas pelos beneficiários. É muito importante que os dados do estudo inicial sejam confirmados e que todos os aspectos que condicionam a intervenção e as linhas de trabalho a seguir sejam claras e negociadas com os beneficiários antes do projecto começar.

A negociação decorre ao mesmo tempo que o planeamento. Para isso, realize reuniões abertas a debate com todos os interessados. Sempre que possível/importante faça alterações ao seu plano inicial em resultado do que foi falado no debate. Mas antes de aceitar ou realizar alterações tenha em atenção os compromissos já estabelecidos, incluindo com doadores. Alterações de última hora sem informar os interessados (doadores, organizações que fornecem apoio técnico, colaboradores, beneficiários, etc.) são geradoras de desconfiança.

1.4 | APRESENTE E DEMONSTRE VANTAGENS (O QUE TEM PARA OFERECER?)

Faça uma lista das vantagens para os beneficiários e convença-os sem correr risco de falhar com compromissos. Na área agrícola é comum fornecer meios (terra, sementes, água, enxadas, ajuda técnica, etc.) e pode-se falar de melhoria da segurança alimentar e aumento da renda em resultado da comercialização dos produtos.

Lembre-se:

- i) Em contextos rurais é normal que as vantagens rápidas sejam mais bem entendidas, mas é mais importante trabalhar com vista a ter resultados a médio/longo prazo.
- ii) A agricultura, principalmente a familiar, é muitas vezes marcada pela perda de produção.
- iii) A experiência tem demonstrado que as pessoas esperam que as necessidades sejam resolvidas. Não afirme que é possível resolver tudo e seja claro no limite que a intervenção tem.

1.5 | RESPONSABILIZE

Peça algo em troca que seja entendido como uma contribuição da parte de quem beneficia. Confirme se os beneficiários podem ou esperam dar a contribuição que está a pedir. Tanto pedir de mais como de menos é normalmente mal-entendido. Pedir a preparação e o cuidado das machambas é um bom princípio. Mas podem ser exploradas outras contribuições (o beneficiário dar parte da

produção, por exemplo). As contribuições em dinheiro normalmente não são aceites, mas com alguns beneficiários pode ser uma possibilidade a considerar, já que é um meio de obtenção de fundos para dar continuidade às actividades do projecto. Recomenda-se um processo de negociação idealmente iniciada ainda na fase de estudo inicial.



1.6 | DETERMINE PENALIZAÇÕES PARA QUEM NÃO CUMPRE OS ACORDOS E MOMENTOS DE RECONHECIMENTO PARA QUEM CORRESPONDE ACIMA DA MÉDIA

As penalizações e as recompensas devem ser entendidas como justas pela maior parte dos beneficiários. Entre em acordo e garanta que é claro para todos quais são as recompensas e penalizações desde o início. A experiência indica que, por vezes, os prémios podem criar desconforto da parte de quem não rebe. Quando não tem confiança do impacto recomendam-se prémios simbólicos (por exemplo: cerimónia de certificado de melhor produtor). Por outro lado, tenha em atenção que os prémios simbólicos podem ser menos interessantes e dar menos motivação para quem se destaca pela positiva.

No que diz respeito às penalizações (por exemplo: perda de um determinado tipo de apoio acordado), garanta o sentimento de justiça geral na sua aplicação. Se um beneficiário que não cumpre com os seus compromissos não é penalizado, é um mau exemplo para os restantes beneficiários. A experiência de terreno indica que para um elevado nível de motivação do conjunto dos beneficiários é tão importante ser justo nas penalizações como nos prémios.

1.7 | FAÇA UM ACORDO ESCRITO COM CADA BENEFICIÁRIO OU FAMÍLIA ANTES DE INICIAR AS ACTIVIDADES

Os acordos devem conter as responsabilidades, penalizações e recompensas de cada uma das partes. A experiência comprovou que este acordo pode ser muito útil para não haver dúvidas e mal entendidos ao longo da intervenção, com vantagens para todas as partes.

1.8 | DÊ PODER (EMPODERAR) COMO FORMA DE TRANSFERIR SABERES E AUTONOMIA (APROPRIAÇÃO)

Um bom nível de envolvimento pode garantir bons resultados, mas tem limitações em termos de consequências positivas que durem ao longo do tempo. Dê espaço de participação efectiva. Não só na realização das actividades, mas principalmente na tomada de decisão e nos aspectos mais importantes de sucesso do projecto. Encontre formas de dar responsabilidades crescentes aos

beneficiários até o acompanhamento técnico já não ser necessário. A constituição de uma comissão de acompanhamento e tomada de decisão sobre a gestão e aspectos técnicos do projecto é uma das formas mais comuns usadas. Estas comissões podem evoluir para associações ou cooperativas. Trabalhar com cada beneficiário é também uma possibilidade. Neste caso, cada um é preparado



Promover a tomada de decisão dos beneficiários (por exemplo, através de comissões que organizam as suas próprias reuniões) sobre aspectos relevantes da intervenção reforça a apropriação.

para gerir e resolver os problemas da sua própria machamba. Partilhe os contactos, as metodologias, os instrumentos de trabalho e responsabilize por tarefas e tomadas de decisão. Atenção, não ande depressa de mais. Sem meios (incluindo os conhecimentos necessários) e sem ver vantagens é difícil haver acção. Seja tolerante e paciente, mas determinado. Valorize e destaque os bons exemplos de autonomia, levando outros a reconhecê-los como modelos.

1.9 | NÃO QUEBRE EXPECTATIVAS

Procure estabelecer formas internas (se possível envolvendo os próprios beneficiários) de controlo e cumprimento dos acordos. Sempre que haja

necessidade, não hesite em explicar e a tirar ilações de possíveis desvios, quer eles sejam da responsabilidade dos beneficiários, quer sejam da responsabilidade de quem promove o projecto.

2 | GARANTIR AJUDA TÉCNICA FREQUENTE

A produção agrícola familiar é marcada por uma série de práticas tradicionais de manuseamento que se verificam estar erradas. Estas só podem ser alteradas de forma segura, se ficarem demonstradas as vantagens e for feito um acompanhamento continuado, para resolver problemas de momento e provar repetidas vezes que fazer bem tem melhores resultados. Este desafio não é fácil, porque os

obstáculos (culturais, sociais, logísticos, financeiros, do clima, etc.) são muitos e as melhores respostas a cada problema estão em actualização constante, em resultado de novas descobertas técnicas e científicas. Só o apoio técnico especializado frequente pode garantir uma análise e resposta boa a cada situação.



2.1 | TRABALHE EM CONJUNTO COM OS SERVIÇOS DO MINISTÉRIO DE AGRICULTURA

Daí vêm diversos possíveis apoios para além do apoio técnico. Existem vários serviços estatais, no sector agrícola. Destacando-se a Direcção Nacional de Extensão Agrária (DNEA), nas questões de extensão agrária e o Secretariado Técnico de Segurança Alimentar (SETSAN), nas questões de segurança alimentar. Neste aspecto é necessário ter em atenção que, segundo estudos realizados, os serviços muitas vezes não possuem pessoal em número suficiente, faltando quadros nas direcções provinciais e distritais. Segundo os

mesmos estudos, a necessidade de formação dos serviços do Ministério de Agricultura é também uma realidade. Por outro lado, o esforço estatal, quando posto em conjunto com os seus parceiros para a formação contínua de pessoal, possibilita que os serviços tenham acesso a conhecimentos e práticas inovadoras. É aconselhável que esta opção seja feita em conjunto com a contratação de um técnico-médio/superior e com a identificação de dinamizadores de mudança de que falaremos mais à frente.

2.2 | CONTRATE UM TÉCNICO-MÉDIO/SUPERIOR

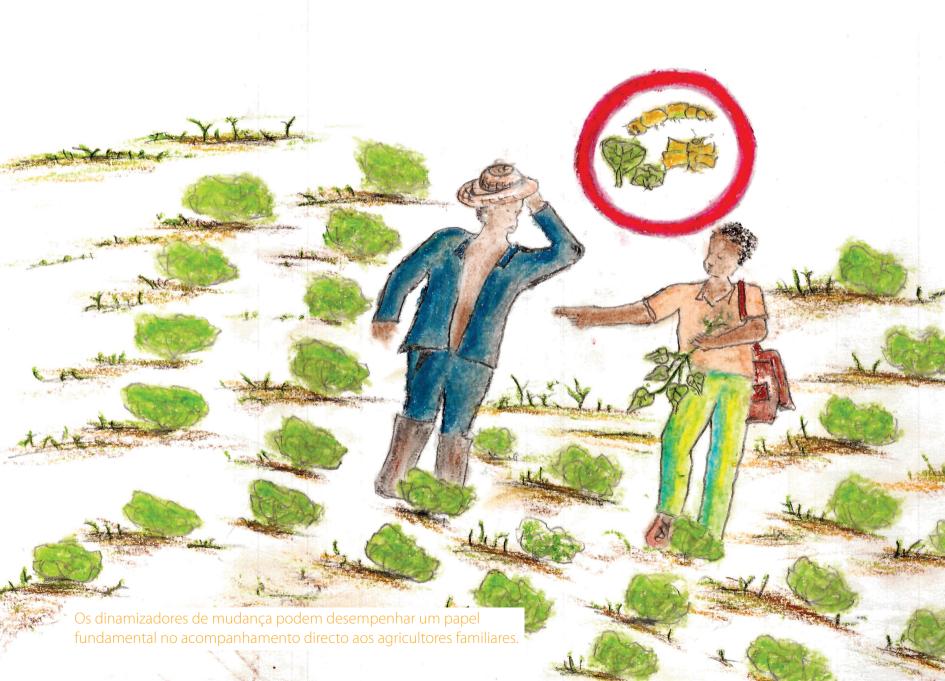
É o caminho mais seguro para garantir que o processo produtivo é acompanhado com a regularidade necessária por uma pessoa formada na área. Para proceder à contratação deve-se ter em conta uma análise custo/beneficio. A experiência também aponta para a dificuldade de encontrar e manter técnicos bem preparados. Essa dificuldade

é tanto maior quanto mais isolado for o local de desenvolvimento do projecto. Por este motivo e por questões relacionadas com a importância de um acompanhamento frequente, para que se faça a transferência de saberes e práticas é aconselhável que esta opção seja feita em conjunto com a identificação de dinamizadores da mudança.

2.3 | IDENTIFIQUE DINAMIZADORES DA MUDANÇA

Normalmente pessoas sem formação específica, mas com experiência em agricultura, capacidade de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos. Se possível, é preferível membros da própria comunidade, mas também podem ser elementos contratados para o efeito. O mais importante é o perfil ser realmente facilitador de uma mudança comportamental.

Estes dinamizadores são da maior importância para o acompanhamento diário e continuado do processo produtivo. O seu principal papel é o de fazer a ponte entre o técnico médio/superior e as famílias, transferindo saberes e reforçando práticas de acordo com as orientações técnicas.



3 | FORMAR OS PRODUTORES E PREPARAR INSTRUMENTOS DE TRABALHO

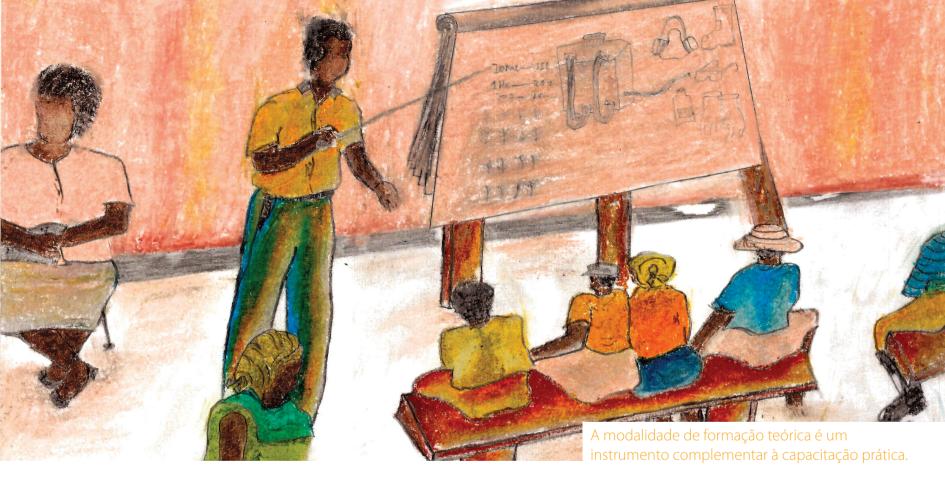
O processo produtivo realizado pelas famílias é pouco organizado/controlado e, como dissemos anteriormente, é marcado por práticas de manuseamento por vezes erradas. A falta de organização e o desconhecimento técnico leva a perdas elevadas de produção. Para além do acompanhamento técnico especializado é essencial que o próprio produtor adquira condições

para que seja relativamente independente. Só assim os resultados serão duráveis. A formação e a introdução de instrumentos de trabalho, que permitam uma gestão mínima do processo produtivo, são mecanismos que possibilitam a verdadeira transferência de saberes, para que esta independência seja realizável.

3.1 | FORME OS PRODUTORES

Forme os produtores familiares antes e durante o processo produtivo. Faça formação em alternância (conjugue formação em sala com formação prática na própria machamba). Trata-se de formação de iniciação que pode ser sobre todo o ciclo produtivo. Os temas que se encontram

no capítulo que se segue neste manual podem servir de base ao programa de formação. Inclua os instrumentos de trabalho desde o primeiro momento da formação e certifique-se que são usados. Face ao nível baixo de qualificação dos produtores familiares, o processo de formação



prática nas machambas tem demonstrado ser essencial para a boa aprendizagem e a alteração real dos comportamentos. A periodicidade mínima da formação prática nas machambas recomendada é de um mês, mas num primeiro momento e até se verificarem resultados reais o ideal é fazer um acompanhamento semanal. Realize um relatório de formação prática nas machambas individualizado e deixe recomendações cuja implementação seja verificada nas visitas seguintes.

3.2 | PREPARE E USE INSTRUMENTOS DE GESTÃO E CONTROLO DA PRODUÇÃO

Estes instrumentos permitem melhorar os resultados e reduzir os custos do processo de forma continuada ao longo do tempo. Não torne o processo demasiado complicado. Prepare pelo menos os seguintes instrumentos:

PLANO ANUAL DE PRODUÇÃO tenha em conta a informação disponível para adequar o tipo de cultura ao terreno e circunstâncias climatéricas esperadas. Procure evitar inundações, secas e pragas. Um dos aspectos essenciais para tirar maior rendimento durante mais tempo dos solos é a rotação de culturas e, se necessário, o pousio dos campos. Divida o terreno em parcelas e peça ajuda a técnicos especializados para saber que tipo de utilização dar a cada parcela em cada momento.

| Exemplo de grelha para plano anual de produção | | | | | | | |
|--|----------|------------------------|----------------------------|-----------------|-------------|--|--|
| Cultura | Compasso | Época de Sementeira | Ciclo Vegetativo (dias) | Tipo de Terreno | Observações | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE

REGISTO das quantidades de sementes usadas, produto colhido e destino dado à produção – uma tabela simples de entrada e saída para cada um dos momentos (sementeira, colheita e escoamento de produto) servirá os propósitos mínimos já que se trata de controlar quanto

plantou, quanto produziu (e quanto perdeu) em cada sementeira, bem como a quantidade comercializada e usada para consumo (próprio da família ou outro). Para além de facilitar a prestação de contas este esforço irá permitir compreender qual o rendimento de cada cultura e apoiar decisões de gestão futura.

| Exemplo de grelha para controlo de produção | | | | | | |
|---|---------|-------------------------|----------------|--------------------|--------------------------|------------------------------|
| Data Colheita | Produto | Quantidade Produzida | Comercializado | Consumo Próprio | Assinatura do Técnico | Assinatura do Responsável |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

II. | DA SEMENTEIRA AO CONSUMO/VENDA DO PRODUTO - CUIDADOS A TER

A quantidade e qualidade da produção começase a ganhar na escolha das sementes e só ficam
garantidas quando termina a colheita. O mau
manuseamento tem sido responsável por perdas
grandes de produção na agricultura do tipo familiar
em Moçambique e também pela baixa qualidade
ou mesmo contaminação dos produtos. Em relação
ao resultado da colheita deve ter-se maior atenção
ao destino dado à produção: consumo próprio ou
comercialização. Neste último caso, a venda de
grandes quantidades é essencial para conseguir
resultados ao nível da redução da pobreza.

De seguida vamos falar nos seguintes cuidados:

4 | HIGIENE E SEGURANÇA NO TRABALHO

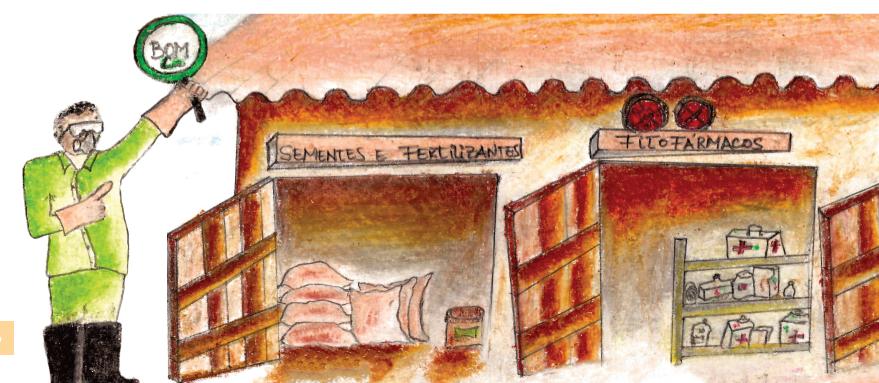
5 | FASES DE CULTIVO

6 | COLHEITA E CONSUMO/ VENDA DO PRODUTO

4 | HIGIENE E SEGURANÇA NO TRABALHO

As regras de higiene e segurança são talvez dos aspectos menos cuidados na agricultura familiar. O cumprimento de alguns princípios simples pode evitar a contaminação de produtos e pessoas. Para que se assista a uma alteração de comportamentos

real por parte do produtor, é essencial não só dar formação sobre a matéria, mas também assegurar que este tem condições materiais mínimas para cumprir com estes princípios.



4.1 | PROTEJA A SAÚDE

O uso ou manuseamento de fitofármacos é o momento de maior risco para a saúde do produtor. Este não deve acontecer sem o recurso ao Equipamento de Proteção Individual (EPI) adequado, como sejam as luvas, as botas, os óculos e as máscaras respiratórias.

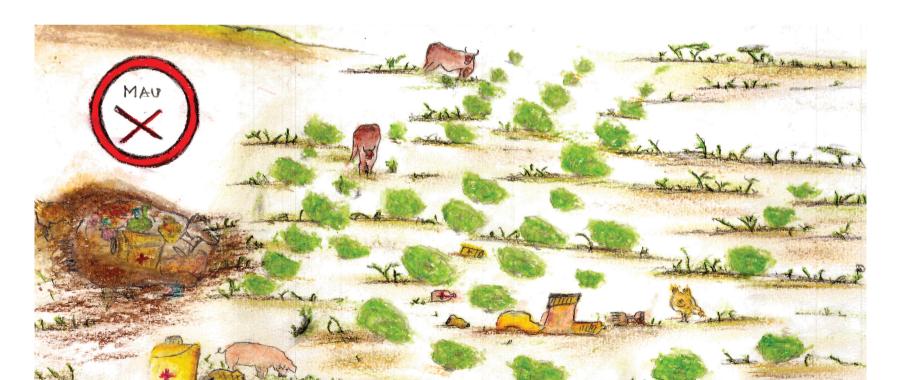
Os meios de apoio à produção devem estar sempre organizados e o equipamento recomendado deve ser usado no manuseamento de fitofármacos para evitar a contaminação.

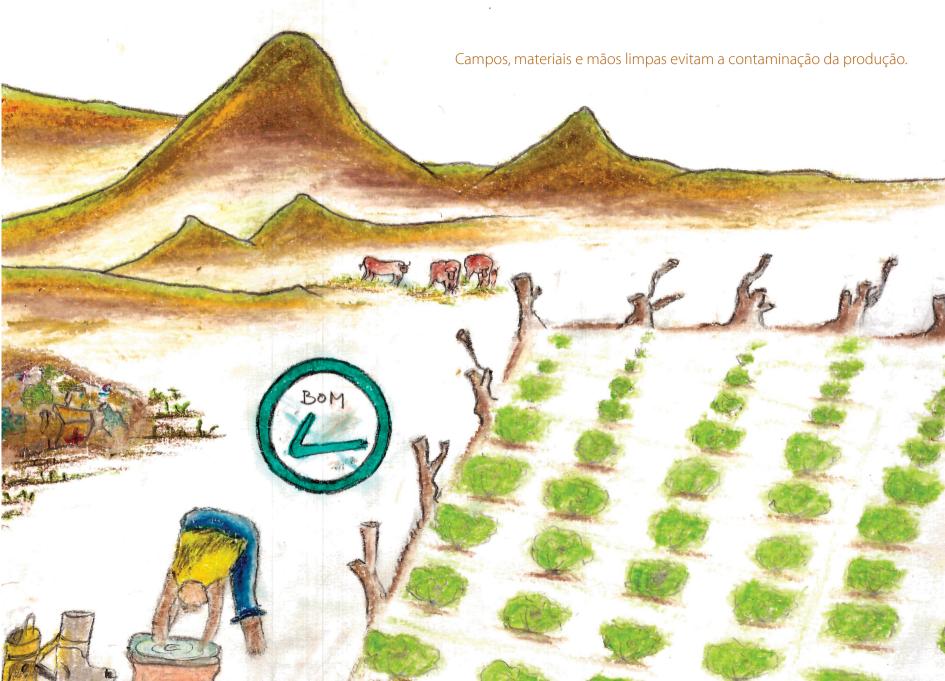


4.2 | EVITE A CONTAMINAÇÃO DA PRODUÇÃO

São vários os cuidados que pode ter para prevenir a contaminação da produção. Por exemplo, limpe sempre o material após o seu uso. Armazene e acondicione os materiais fitofármacos de forma a não contaminar as sementes e a produção. Mantenha a machamba limpa e no final de cada

dia de trabalho deposite o lixo em locais próprios e longe da cultura. Faça a colheita com as mãos lavadas e as unhas cortadas e limpas e transporte os produtos em caixas devidamente limpas a fim de evitar a contaminação do consumidor final.





5 | FASES DE CULTIVO

As duas regras mais importantes do cultivo são: conhecimento/acompanhamento técnico e cuidado frequente e continuado. As opções certas evitam surpresas. A reação em tempo útil aos problemas de momento (por exemplo, pragas) minimiza danos. Esta perspectiva deve estar presente desde o momento da escolha das sementes e deve percorrer todo o ciclo da cultura.

5.1 | ESCOLHA SEMENTES DE FORMA CUIDADA

A semente é o meio mais importante para garantir a qualidade e quantidade do produto final. Consulte um técnico especializado para o efeito, para garantir que consegue sementes apropriadas para o tipo de solo e pragas mais comuns. Nem sempre é fácil encontrar no mercado o tipo de semente que se quer. No caso de não ter garantias deve pensar na possibilidade de alterar o seu plano de

produção em função das sementes de qualidade disponíveis. Procure sempre garantir que a semente é certificada e de classe conhecida, o grau de pureza genética, que se encontra livre de doenças e de sementes de plantas daninhas, de outra espécie ou material inerte. No caso de ter dúvidas deve retirar as contaminações por processo próprio de descontaminação.



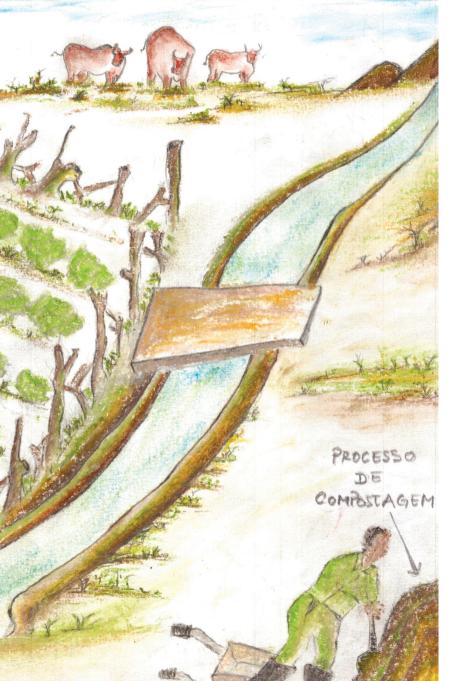
5.2 | PLANTE OS VIVEIROS DE FORMA A TIRAR O MÁXIMO DE RENDIMENTO

Para isso, as suas opções devem ser boas tendo em conta o tipo de cultura, nomeadamente no que diz respeito:

- Período em que os viveiros são plantados tendo em conta a época de sementeira e o ciclo vegetativo;
- A escolha do solo, o tempo em que está exposto ao sol e a quantidade de água;
- O espaço entre sementes, que permita o desenvolvimento pleno do produto.

Todos estes factores dependem de cultura para cultura. Uma vez mais, o acompanhamento técnico especializado e a formação dos produtores é critério para garantir a qualidade.





5.3 | PREPARE A MACHAMBA ANTES DO CULTIVO, GARANTINDO QUE SE ENCONTRA LIMPA, VEDADA E ADUBADA

A vedação pode ser feita com material simples e disponível na mata mais próxima. Ela é essencial para prevenir a penetração de animais de médio tamanho na área cultivada que prejudicam o seu bom desenvolvimento. No que diz respeito ao adubo, cada tipo de cultura e solo exige opções diferenciadas. Sempre que possível opte por adubos naturais compostados, em detrimento dos químicos. Mas atenção que a compostagem também requer cuidados. Deve ser feita em compostores especialmente preparados para o efeito, afastados da zona de cultivo e das linhas de água. Outro aspecto a ter em conta para evitar contaminações é a quantidade usada. O excesso pode prejudicar a cultura e os solos.

5.4 | ELIMINE AS PLANTAS DOENTES NO PROCESSO DE TRANSPLANTAÇÃO DO VIVEIRO PARA A MACHAMBA

Não se esqueça de respeitar a distância entre cada planta de forma a permitir o desenvolvimento pleno de cada unidade.

5.5 | FAÇA UM ACOMPANHAMENTO DIÁRIO DO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA

O acompanhamento diário deve ser feito de acordo com as indicações técnicas adequadas, quer do ponto de vista da rega, quer em termos de identificação e eliminação de pragas. Não se esqueça que água

a mais também é prejudicial ao desenvolvimento da cultura e na eliminação de pragas, sempre que possível, use os métodos biológicos. Nunca use produtos químicos fora de prazo.



6 COLHEITA E CONSUMO/VENDA DO PRODUTO

Os cuidados com a colheita/armazenamento são tão importantes como o processo produtivo em si para se obter produtos de qualidade. Depois da colheita, não é raro os pequenos produtores procurarem vender tudo o que produzem no desejo de conseguir rendimento. O problema

é que como não transformam a produção, nem têm quantidade/organização/meios para vender em mercados fora da zona de residência, ficam limitados ao mercado local e à venda de produtos da época. Como consequência, o preço é baixo e a alimentação familiar pouco variada.

6.1 | SEPARE OS PRODUTOS POR NÍVEIS DE QUALIDADE

Os que forem mais bonitos destine prioritariamente para comercialização. Os que não tiverem próprios para consumo humano, coloque-os de lado e use-os para consumo animal ou para compostagem de uma próxima colheita.

6.2 | COLOQUE OS PRODUTOS COLHIDOS À SOMBRA E EM RECIPIENTES LIMPOS

É importante para evitar a perda de qualidade e contaminação. Nunca use recipientes que antes tenham sido usados para armazenamento de químicos ou fertilizantes, mesmo que tenham sido depois lavados.



6.3 | ANALISE O BENEFÍCIO DE TRANSFORMAR PRODUTOS E RESPEITE O PERÍODO E CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO ADEQUADOS A CADA PRODUTO

Existem tabelas que ajudam a entender qual o período e condições de conservação de cada produto. Consulte essas tabelas e respeite-as. Principalmente evite contaminações através de um armazenamento em locais próprios, a temperaturas adequadas, afastados de produtos químicos e protegidos do meio ambiente e animais.

Garanta que os produtos são consumidos ou vendidos antes de perderem a qualidade. A transformação de produtos agrícolas, com recursos a tecnologias simples, possibilita um maior período de conservação do produto. Aumenta também o valor do produto final por se tornar diferente do que normalmente é oferecido no mercado da

época e manter boas condições para consumo fora de época ou em zonas longe da área de residência (novos mercados). O maior período de conservação possibilita igualmente que a própria família consuma estes produtos fora da época, o que torna a dieta alimentar mais rica e variada ao longo de todo o ano com um custo mais baixo.

As compotas têm sido um bom exemplo de transformação de produtos agrícolas em meios onde a indústria é pouco desenvolvida. A secagem é outra possibilidade de baixo custo. Soluções que necessitem de energia elétrica tem de ser analisadas com cuidado, tendo em conta o investimento e os riscos de falha de energia.

6.4 | SEPARE UMA PARTE DA PRODUÇÃO PARA CONSUMO DA FAMÍLIA

A falta e a necessidade de rendimento faz com que a família, muitas vezes, prefira a comercialização da totalidade dos produtos produzidos, mesmo que esta se faça em detrimento da alimentação saudável da sua família. Sensibilize e eduque no sentido da produção própria ser entendida como um recurso de segurança alimentar. Lembre-se, só pessoas saudáveis podem continuar a ser produtivas.

Separe uma parte da produção para consumo da família.



6.5 | ESTABELEÇA CIRCUITOS COMERCIAIS AINDA ANTES DA COLHEITA

Assim, garante o escoamento mais rápido e a melhores preços, do que os negociados em cima da hora. Assegure acordos de entrega. Seja cumpridor dos prazos e compromissos assumidos para que os que compram o produto ganhem confiança e passem a palavra (boa publicidade).

6.6 | SEMPRE QUE POSSÍVEL CONSTITUA ASSOCIAÇÕES OU APOIO NA ORGANIZAÇÃO DA ACTUAÇÃO CONJUNTA DOS PEQUENOS PRODUTORES

Só assim os pequenos produtores serão capazes de produzir em quantidade, adquirir meios de produção/transformação e transporte e alargar a rede de clientes. Estas condições são importantes para que os pequenos produtores possam concorrer no mercado e consigam rendimento suficiente para os tirar da situação de pobreza em que se encontram.





FEC - FUNDAÇÃO FÉ E COOPERAÇÃO

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 Moscavide | Lisboa | Portugal Tlf: (+351) 218 861 710 | Fax: (+351) 218 861 708 www.fecongd.org | geral@fecongd.org

ASSESSORIA





COM O APOIO

